

A expressão do tempo em discurso epistolar: a ilusão da presença através das expressões metafóricas

Isabel Roboredo Seara
Universidade Aberta – Lisboa

I. Discurso epistolar

“Rex tam multiplex propeque ad infinitum varia”

De Conscribendis Epistolis, 1502 Erasmo

Esta definição de Erasmo anuncia a multiplicidade de abordagens e evidencia a complexidade da evolução histórica e estética do género epistolar.

O género epistolar, ultrajado pela teoria da literatura, relegado para a periferia da esfera literária onde é admitido apenas de uma forma assaz problemática, constitui um testemunho ímpar da autenticidade das relações pessoais, culturais e sociais de uma época ou de uma sociedade. Se a função da obra literária é problematizar a vivência de uma cultura, o discurso epistolar quotidiano traduz a vivência dessa cultura. É a visão pessoal e a narração dos momentos vividos numa tripla acepção: o passado memorizado, o presente vivido e o futuro esperado e desejado.

A escrita epistolar cuja natureza é de substituir o descontínuo (a ausência, a separação) é propícia à análise de práticas sociais que se articulam numa continuidade narrativa. Todo o texto epistolar pensa no outro: “Penso em ti”, “o meu pensamento está aí”.

Definições precisas sobre o texto epistolar são raras. R. Duchêne, em 1973, define-o como “a expressão directa e complexa de um sujeito que, colocado numa situação concreta e determinada, necessita e socorre-se da escrita para comunicar com o outro”.¹

A situação de enunciação é dada através da escrita e traduz-se por um esforço de anular a distância entre os interlocutores sendo, como tradicionalmente é referido, uma conversação *in absentia*.

A escolha deste objecto de análise específico teve por base razões de carácter prático e metodológico. O critério que presidiu foi a evidente acessibilidade das cartas, a sua publicação organizada e os estudos já realizados sobre as mesmas.

¹ Roger Duchêne, “Commentaire historique. Lettre (sens épistolaire)” dans Robert Escarpit (ed.), *Dictionnaire international des termes littéraires*, Paris et la Haye, Mouton, 1973, p. 29.

A investigação sobre correspondências continua infelizmente a servir o mesmo objectivo há já largas décadas, ficando balizado aos universos literário, histórico e sociológico e sendo as missivas apenas exploradas como fontes documentais com o fim de apoiar, confirmar ou ilustrar outros géneros do discurso.

Valorizar uma postura discursiva orientada para o interlocutor, escolher uma *démarche* intelectual que nos motive e nos obrigue ao confronto de opiniões, testemunhar uma disposição moral que se caracteriza pela abertura ao outro, são alguns dos aspectos que criam a especificidade desta situação interlocutiva.

As investigações sobre o epistolar, apesar dos progressos notáveis nos planos da poética e da crítica literária ² não conheceram ainda uma análise pragmática que propusesse uma teoria sólida e coerente para a investigação deste imenso manancial sociológico (e, particularmente, sociolinguístico) onde se inscreve.

Em 1982, Janet Altman, na sua obra *Epistolary, Approaches to a Form* ³, propõe a descrição de um novo conceito, o de epistolaridade (“*epistolarity*”). Apesar desta obra postular sobre o que vulgarmente se designa “romance epistolar” (define-se a natureza de textos ficcionais, o que não se integra no âmbito do nosso trabalho), a origem da criação de novos significados através desta tipologia textual aplica-se indistintamente a todo o texto epistolar.

Na origem destes textos, há uma ausência ⁴.

O texto epistolar serve como intermediário, como mediação e surgem pela primeira vez associadas as expressões metafóricas para esta qualificação (a ponte, como metáfora da intimidade e o fosso, prelúdio da indiferença).

En tant que moyen de communication entre le destinataire et le destinataire, la lettre enjambe le gouffre entre l'absence et la présence; les deux personnes qui se “rencontrent” grâce aux lettres ne sont ni totalement séparées ni totalement unies. La lettre se situe à mi-chemin entre la possibilité d'une communication totale et le risque de l'absence totale de communication. ⁵

Para que funcione eficazmente, este tipo de interacção deve encerrar confidencialidade, um misto de confiança e de confidência e talvez confissão, dado tratar-se de uma actividade privada.

Ao invés de outras formas em que o enunciador é um “*eu*”, o texto epistolar destina-se a alguém identificável no próprio texto, mesmo se o destinatário não seja, numa primeira instância, aquele que o texto representa.

² Cf. H. R. Jauss, *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard, 1978.

³ Janet Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982.

⁴ *Ibid*, p. 127-128, 135, 140 e 150.

⁵ *Ibid*, p. 43, na tradução de Benoît Melançon, *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII siècle*, Québec, Fides, 1906, p.33.

“O que é profundamente epistolar neste texto é a progressiva descoberta de si através do outro”.⁶

O leitor tem um peso efectivo e real no texto epistolar, quer como destinatário quer como figura do texto, desempenhando assim um papel central na narração (entre o leitor, como narratário e o autor, no seu papel de narrador). Desta forma, a interacção epistolar é uma experiência recíproca dominada pelo desejo de troca⁷.

Dans une large mesure, c'est cela le pacte épistolaire, l'attente d'une réponse provenant d'un lecteur précis à l'intérieur du monde du correspondant. La plupart des autres aspects du discours épistolaire étudiés ici sont subordonnés á cette donnée fondamentale.⁸

E, para além destas características de pacto epistolar, de representação específica da escrita e da leitura, acrescem outras do domínio estrutural.

No discurso epistolar (discurso, no sentido que lhe foi conferido por Émile Benveniste⁹) assiste-se ao domínio da relação *eu/tu*.

O “*tu*” encerra uma especificidade, na medida em que vai desempenhar um papel activo – a tal reciprocidade que faz com que o “*tu*” original se torne no “*eu*” de uma nova enunciação, sendo as formas pronominais reversíveis – que é essencial à prossecução da troca epistolar.¹⁰

Por outro lado, Altman considera que o presente do discurso epistolar é impossível, dado que traduz apenas um *pivot* entre o passado (a retrospecção) e o futuro (a antecipação).¹¹

O efeito de imediatismo e de espontaneidade, apanágio do discurso epistolar, é criado pela “escrita do instante”¹², mas retringe-se a uma pura ilusão textual.

Lugar de polivalência temporal, o discurso epistolar encerra esta mistura de tempos diversos: o tempo da história passada, o tempo da escrita, o tempo do envio, da recepção, da leitura, da re-leitura. É esta confusão de tempos, esta ambiguidade e pluralidade temporal que nos despoletou o desejo de ensaiar uma explicação para a especificidade desta relação.

Partamos de uma proposta de definição de discurso epistolar: é a expressão escrita de um “*eu*” não metafórico (quem assina identifica-se com quem escreve: “*eu*”) que se dirige a um destinatário, da mesma forma, não metafórico, tendo esta dupla restrição a função de eliminar do *corpus* epistolar, no seu sentido restrito, as formas epistolares de ficção.¹³

⁶ *Ibid*, p. 45, nota 14.

⁷ *Ibid*, p.88-89

⁸ Janet Altman, *op. cit.* p.89, na tradução de Benoît Melançon, p. 34

⁹ E. Benveniste, *Problèmes de Linguistique Général I*, Paris, Gallimard, 1976, p. 237-250.

¹⁰ Janet Altman, *op. cit.* p.118

¹¹ Benoît Melançon, *op. cit.*, nota 37 da página 35

¹² Janet Altman, *op. cit.*, p.124 e 128-129.

¹³ Benoît Melançon, *op. cit.*, p. 47.

II. O tempo epistolar

Durante muito tempo a correspondência foi considerada como o reflexo, o prolongamento ou a antecipação de uma comunicação oral, face a face”.¹⁴

Este *topos* é actualmente alvo de investigação, esta questão das relações de continuidade, simetria ou oposição entre correspondência e conversação reveste-se de uma pertinência e de uma actualidade iniludíveis, se pensarmos que presenciamos uma revolução nas formas e nos modos de comunicação entre os povos. De um modo geral, a troca epistolar é considerada como uma forma específica de interlocução e interacção.

Afirma-se secularmente que a carta é uma conversação escrita, que substitui a presença do outro.

Esquemáticamente elencámos as principais dicotomias¹⁵:

Comunicação face a face	Comunicação epistolar
• Utilização do canal oral (signos linguísticos e paralinguísticos, unidades mimogestuais, intonações)	• Utilização do canal escrito, excluindo-se todos os elementos não linguísticos
• Carácter improvisado no decurso da comunicação	• Carácter premeditado (possibilidade de rasurar, de apagar)
• O mesmo quadro espacio-temporal: acessibilidade perceptiva mútua	• Quadro espacio-temporal não partilhado:consequente obrigatoriedade de recurso ao paratexto (local, datação, identificação, importância dos deícticos espacio-temporais)
• Há alocação: o discurso destina-se a um destinatário	• Há alocação: a carta é dirigida a um ou mais destinatários concretos
• Há interlocução: alternância de papéis entre emissor e receptor.	• Há interlocução, dado que o emissor coincide com o destinatário seguinte e reciprocamente
• Há interacção: ao longo da comunicação há trocas, há interferências, há mudanças, influências, adaptações	• Há representação: através dos seguintes procedimentos: a) resposta b) paráfrase c) citação: idêntica ou modificada d) resumo e) alusão
• O outro está presente	• O outro está ausente como referente, mas presente como alocutário.

¹⁴ Jürgen Siess, *La Lettre entre le réel et fiction*, p.111

¹⁵ As dicotomias apresentadas tiveram por base as enunciadas em Catherine Kerbrat-Orecchioni, “L’interaction épistolaire”, in *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 15-36.

Considerando que as distinções são essenciais, julgamos contudo que o discurso epistolar não pode ser obcecadamente¹⁶ analisado com base na dicotomia entre o modelo face a face e a forma escrita que o singulariza.¹⁷

Retomemos o exemplo de Altman “Eu sinto”, enunciado pelo emissor, não tem como equivalente no destinatário “tu sentes”, mas sim “tu sentias, no momento em que escreveste”¹⁸:

O tempo e o espaço são, sabêmo-lo desde Kant, as formas *a priori* da nossa sensibilidade. Todas as nossas formas de comunicar se inscrevem num contexto do que anteriormente comunicáramos. Invocamos ou repetimos, evoluímos ou regredimos, certificamos ou desdizemos, concordamos ou refutamos.

Dependendo por certo da ausência que invoca, lastima e dissimula, o tempo é um tema explícito no discurso epistolar alicerçando mesmo a sua estrutura. A carta pode servir para matar o tempo e, mesmo esta expressão deve ser entendida, não só no seu sentido metafórico, mas também na sua significação literal: suprimir a ausência e substituí-la por uma presença plena, a presença do texto epistolar.

Ao nível do campo semântico o número de termos e de expressões invocados é imenso e mesmo que não nos detenhamos num estudo lexicométrico, o número significativo de ocorrências convida à reflexão sobre a importância das referências temporais como estruturadoras das sequências textuais.

O discurso epistolar pode ser definido, de um modo funcional, como diálogo diferido, ou seja, como uma troca comunicativa caracterizada por uma ausência de interlocutor. Definir o discurso epistolar como forma dialógica, cujo traço específico é a ausência de destinatário, significa intrinsecamente caracterizá-lo pela sua função comunicativa, que, neste caso específico, se inscreve na própria superfície textual. O interesse da análise deste tipo discursivo não é, pois, a função comunicativa que se estabelece pela dimensão interaccional extra-textual, mas sim aquela que se assume e organiza nas próprias sequências textuais.¹⁹

Um dos elementos caracterizadores deste género é, como dissemos, a localização espacio-temporal que remete para a situação de enunciação, o tempo e o lugar da narração. (Exemplo: *Bristol, Agosto de 1885*). Depois desta focagem espacio-temporal, a localização desenvolve-se no interior do próprio texto através de mecanismos deícticos. A presença de marcadores deícticos “*hic et nunc*” da situação de enunciação e a co-presença do tempo da narração e do tempo da história concorrem para a especificidade deste tipo discursivo.

¹⁶ “obsessed with its oral model”, Altman, *op. cit.* p. 135.

¹⁷ Cf. Catherine Kerbrat-Orecchioni, “L’interaction épistolaire”, in *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes, 1998, p. 15-36.

¹⁷ Janet Altman, *op. cit.* p. 129.

¹⁸ Janet Altman, *op. cit.* p. 129.

¹⁹ Cf. Patrizia Violi, “Présence et absence . stratégies d’énonciation dans la lettre”, in *La Lettre, Approches Sémiotiques, Actes du VI Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*, Suisse, Éditions Universitaires Fribourg, 1988, p.28-35.

L'alternance entre le temps de la narration et le temps de l'histoire est décrite par Genette au moyen d'une analogie avec le reportage radiophonique télévisé: la lettre unie constamment, ainsi qu'il le dit, ce que dans le langage radiophonique on appelle émission directe et émission différée, c'est-à-dire les quasi-monologues intérieurs et la description des événements mêmes ont eu lieu.²⁰

Assim, a presença de deícticos e a referência à situação espácio-temporal da narração e à situação do enunciador implicam, da parte do leitor, uma actualização da situação de enunciação. Todavia, esse cenário é comum a todo o texto escrito: o destinatário tem de reconstruir, através de um processo de leitura e de interpretação, a estrutura enunciativa do enunciador, produzindo, desse modo, um efeito de presença.

A distância que separa emissor e receptor, este virtualmente presente em todo o texto, torna-se numa modalidade de organização discursiva.

Se é verdade que o discurso epistolar pressupõe intrinsecamente uma distância, é também verdade que a sua escolha, a sua utilização pode ser motivada para criar essa distância.²¹

No caso específico do *corpus* escolhido, acresce a particularidade da temática do amor. A manifestação da dialéctica amorosa, enquanto mito da cultura ocidental, alicerça-se preferencialmente na ausência, constituindo o texto epistolar amoroso, de certa forma, o culminar metonímico da presença do emissor.

Cícero distinguia dois tipos de cartas: um, "*severum et grave*" e outro "*familiare et jocum*".²² É neste segundo grupo que se inserem as que foram objecto do nosso estudo. Distinguem-se dos outros tipos, não apenas pelo facto de poderem ser categorizadas como documentos pessoais e individuais, íntimos, revelando-se, por vezes, socialmente construídos (como indicia o cumprimento de códigos sociais vigentes na subserviência às formas de tratamento e de deferência dos primeiros contactos), permitindo igualmente descortinar a construção da relação amorosa.

L'une des qualités majeures des lettres d'amour à cet égard, tient au fait essentiel qu'elles sont l'expression, la construction symbolique de relations amoureuses.²³

²⁰ Violi, *op. cit.*, p. 31

²¹ *Ibid.*, p. 34-35

²² Geneviève Haoche-Bouzinac, "Familiare comme une épître de Cicéron, familiarité dans la lettre au Fournant du XVII^e siècle et XVIII^e siècle" in *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, p. 17

²³ Roch Hurtubise, "Lettres d'amour: un siècle de correspondances québécoises (1860-1988), Les vertus heuristiques de l'analyse des métaphores, in *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé, 1994, p. 222.

III. Escolha do *corpus*

Porquê Eça de Queiroz?

Raros autores na literatura portuguesa foram até hoje tão estudados e investigados. No entanto, nesta ocasião solene em que se comemora um século sobre a sua morte, julgamos que se torna pertinente estudar o acervo da sua correspondência privada, dada a importância que esses textos e outros de carácter íntimo se revestem no século XIX, esse século, por excelência, epistolar.

A publicação desta correspondência de Eça para sua mulher surgiu, pela primeira vez, em 1949, pela mão dos filhos do casal, ainda vivos nessa data: *Eça de Queiroz entre os seus, apresentado por sua filha. Cartas Íntimas*.²⁴

Sendo esta versão muito incompleta só em 1983 se progrediu na investigação da biografia queirosiana, com a publicação pela IN-CM por Guilherme Castilho.²⁵

Encarando, porém, o texto epistolar como uma interacção, uma troca comunicativa dialógica (dialógica e polifónica, quando coloca em cena vozes enunciativas diferentes) só com as cartas da destinatária se poderia compreender Eça epistológrafo.

Foi, pois, crucial para o nosso estudo a obra *Eça de Queiroz – Emília de Castro, Correspondência Epistolar. Cartas Inéditas de Emília de Castro*, edição comemorativa do 150º. aniversário do nascimento do escritor.²⁶

O *corpus* que analisámos é composto pelas cartas trocadas entre Eça de Queiroz e D. Emília de Castro, entre Agosto de 1885 e 10 de Fevereiro de 1886 que se incluem no que os seus estudiosos e exegetas denominam de correspondência de noivado.

De Londres, no Verão de 1885, mais propriamente, a 15 de Agosto, Eça dirige a Emília a primeira carta, através do seu amigo Manuel de Castro, Conde de Resende (irmão da futura noiva).

Inicia-se assim uma correspondência entre Brístol/Londres e Porto/Granja que é harmoniosa e constante e que culmina com o casamento, na Quinta de Santo Ovídio, em Cedofeita, no Porto, a 10 de Fevereiro de 1886.

Realce-se que não obstante a familiaridade de Eça em Santo Ovídio, os costumes da época e a posição social que detinham exigiam o estrito cumprimento de regras, denotando, talvez mais marcadamente os escritos da noiva uma cerimónia e uma reserva convencionais. Convém não esquecer que hoje em dia a correspondência íntima releva sobretudo da espontaneidade dos intervenientes que exprimem livremente os seus sentimentos, ao passo que no século passado os códigos explícitos ou tácitos deviam ser obrigatoriamente respeitados e sujeitos a algumas prescrições e proscricções²⁷, imposições sociais e cumprimento de regras e formas de delicadeza.

²⁴ *Eça de Queiroz entre os seus, apresentado por sua filha. Cartas Íntimas*. Porto, Lello e & Irmão, 1949. (1974 – 5ª. Edição)

²⁵ *Eça de Queiroz : Correspondência*. Leitura, coordenação, prefácio e notas de Guilherme de Castilho, 1º. e 2º. Volumes, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1983

²⁶ *Eça de Queiroz – Emília de Castro, Correspondência Epistolar. Cartas Inéditas de Emília de Castro*, organização, introdução e notas de A. Campos Matos, Lello Editores, Porto, 1996

²⁷ Cf. Jacques Cosnier, “La psychanalyse, le langage et la communication”. in *Psychothérapies* 4, 1984, p. 212-221

IV. Enquadramento teórico da metáfora: as metáforas temporais

A noção de metáfora, tal como afirma Lakoff²⁸, é muitas vezes mal entendida. Do ponto de vista neurológico, torna-se necessário explicar que há partes do cérebro mais próximas dos *inputs* corporais e outras mais afastadas, razão pela qual se explica que os sinais que provêm directamente das partes mais próximas dos *inputs* corporais sejam projectados nas áreas corticais superiores.

Em termos cognitivos, os conceitos abstratos são conceptualizados através de conceitos mais próximos das experiências sensíveis ou motoras.

Este processo de metaforização conceptual foi alvo de estudos aprofundados e inovadores por parte da Linguística Cognitiva²⁹ e um dos trabalhos que importa realçar nestas áreas representativas da experiência humana onde se incluem o tempo e o espaço é a teoria dos espaços múltiplos de Fauconnier & Turner.

Este modelo preconiza que a estrutura de dois ou mais espaços de entrada, no caso da metáfora, trata-se do espaço fonte e o espaço alvo, é projectada num espaço amálgama, mas que preserva parte da estrutura dos dois espaços de construção e que apresenta novo esquema conceptual.

No caso presente descortinam-se três tipos de projecções.

Relativamente ao tempo, consideramos que o futuro está à nossa frente, o passado situa-se atrás e o observador situa-se no presente. A mudança do observador traduz-se numa mudança temporal. A distância percorrida é a quantidade de tempo que passou, o espaço que está à sua frente é o futuro e atrás é o passado.

- A A questão da ausência, da separação que se traduz em
 - a) sofrimento
 - b) melancolia /nostalgia
 - c) insegurança

- B O tempo que é longo e pesado: os dias que parecem anos ou séculos. O tempo que obseca, que não permite outra evasão.

²⁸ Georges Lakoff, "Les Universaux de la Pensée Métaphorique: variations dans l'expression linguistique", *Diversité des Langues et Représentations Cognitives*, Catherine Fuchs e Stéphane Robert (ed.), Paris, Ophirs, 1997, p. 168-182.

²⁹ Cf. Fauconnier; G. 1997, *Mappings in Thought and Language*. Cambridge, Cambridge University Press; Fauconnier & Turner, 1996, "Blending us a central process of grammar". In A. Goldberg (ed.), *Conceptual Structure, Discourse and Language*, Stanford: Center of Study of language and Information.

Coulson, S., 1995, *Analogic and metaphoric mapping in blended spaces*. Center of Research in Language Newsletter, 9 : 1, pp 2-12.

Rohrer, Tim 1997, Annotated Bibliography of Metaphor and Cognitive Science, 04/08/1997, <http://metaphor.uoerogon.edu/annbib.html>

- C O tempo perdido, o tempo efêmero, o tempo que se esvai.
- D O tempo reparador que oferece uma possibilidade de compensação, de consolação e que encerra o princípio de base religiosa em que uma verdadeira intemporalidade pode ser dada através da unificação.
- E O tempo de escrita: a narração mais longa e pormenorizada do quotidiano reduz a distância.³⁰

- A A questão da ausência, da separação que se traduz em**
a) sofrimento
b) melancolia /nostalgia
c) insegurança

“Por ora é este o único plano definido, mas já me faz feliz, coma linda esperança de me achar em breve ao seu lado. Todo este tempo de intervalo me parece desagradavelmente perdido: nem sempre o trabalho o preenche bem, nem me basta o doce prazer de pensar em si.”

Londres, 28 de Setembro de 1885 (11/59)³¹

“O tempo que as cartas levam é realmente atroz”.

Londres, 12 de Outubro de 1885

“Uma coisa essencial é que elas, as suas cartas sejam frequentes. Não imagina como hoje me faz falta não receber nenhuma: tinha estes dois dias passados sido *gâté*; hoje nada e parece-me um dia seco, estéril, vazio”.

Londres, 10 de Outubro de 1885 (20/72)

“Docemente bem-vindas são elas (as cartas): calculando mal o tempo, ou pela natural impaciência do meu coração, tinha-me parecido que o seu silêncio se prolongava indevidamente, e estava num confuso estado de desassossego, gastando o tempo a fazer e desmanchar nuvens, nenhuma delas cor-de-rosa”.

Londres, 8 de Outubro de 1885 (19/68)

“E fez-me falta a sua carta para *me cheer up*, porque estou em pleno estado melancólico”.

London, 19 de Outubro de 1885 (29/89)

³⁰ Apenas transcrevemos os excertos mais significativos, sem comentar os enunciados metafóricos, dadas as limitações que nos foram impostas.

³¹ A notação simples que utilizámos e que doravante será referida para identificar as cartas de onde foram extraídas estes exemplos respeita o número e a página da edição de A. Campos Matos supra citada. O primeiro número coincide com a numeração que foi atribuída à missiva e o segundo corresponde ao número da página. Para facilitar a consulta do acervo, indicamos igualmente a data.

“Prouvera a Deus que fosse! A inquietação pela desconfiança de que não se é suficientemente amado...”

Londres, 7 de Outubro de 1885 (17/67)

B O tempo que é longo e pesado: os dias que parecem anos ou séculos. O tempo que obseca, que não permite outra evasão

“... fomos um ao encontro do outro, desencontrando-se as nossas cartas; só eu já recebi a sua, enquanto a minha anda e andará nas mãos desse eterno correio que me faz o efeito de nunca chegar”.

Porto, 22 de Setembro de 1885 (10/57)

... apresso-me a escrever-lhe agora, para que a minha querida noiva não fique muitas horas debaixo da impressão descontente e *unpleasant* que lhe podia ter dado o meu tom um pouco carregado”.

Londres, 30 de Setembro de 1885 (13/62)

“Que século que nos leva a saber um do outro! Chega a fazer preguiça escrever com a ideia da viagem que as palavras vão fazer.”

Granja, 8 de Outubro de 1885 (18/67)

“O correio, como me dizia na sua carta, com efeito, nunca chega! Estou receando que em vez de seguir a direito como afiança o Estado e o Guia dos Caminhos de Ferro, ele flana pelas estradas, pára à sombra das árvores a fumar o cachimbo de vadiagem e dorme a sesta sur *l’herbe tendre*, – enquanto as pobres almas que ele devia fazer comunicar e que pagaram humildemente a sua estampilha para comunicarem, se *desespèrent et languissent*.”

Londres, 7 de Outubro de 1885 (17/66)

“Porque o correio se diverte mais um dia que devia no caminho, imaginamos logo que nunca mais saberemos nada um do outro..”

Granja, 19 de Outubro de 1885 (28/88)

“Logo que esteja pronto voo aí.”

Porto, 25(?) de Janeiro de 1885 (67/131)

C O tempo perdido, o tempo efémero, o tempo que se esvai.

“Tenho só esta migalhinha para lhe dizer adeus até amanhã.”

Granja, 14 de Outubro de 1885 (22/75)

“E causa-me uma terrível perda de tempo esse seu silêncio: quando não tenho uma carta sua, passo o dia a fumar *cigarettes*, a passear pela sala, inquieto e descontente, formando e desmanchando nuvens quase todas sombrias.”

Londres, 17 de Outubro de 1885 (26/83)

“E estas poucas horas em Lisboa já me parecem longos meses de solidão e frio”.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1886 (62/124)

“Vou acabar, senão levava todo o meu dia a dizer-te que te amo: e depois de to ter dito tão de perto, lado a lado do teu coração, parece bem murcho, bem pálido escrevê-lo de longe.”

Lisboa, 21 de Janeiro de 1886 (62/125)

“Ainda tinha muito para lhe dizer mas fica para amanhã, não tenho tempo para mais a não ser para lhe dizer *the loving word* que tanto procurou e não achou”.

Granja, 19 de Outubro de 1885 (28/88)

D O tempo reparador que oferece uma possibilidade de compensação, de consolação e que encerra o princípio de base religiosa em que uma verdadeira intemporalidade pode ser dada através da unificação celestial.

“Ainda há pouco a sua vinda me parecia tão distante! Me parecia mitológica! E já chegou, e depois de amanhã vemo-nos”.

Porto, 3 de Novembro de 1885 (44/114)

“Ontem depois de passar o dia a pensar em si levei ainda a noite a sonhar consigo; assim o tempo todo lhe foi dedicado.”

Lisboa, 22 de Janeiro de 1886 (64/127)

“...pode vir à hora que o coração lhe pedir – vamos a ver a que horas lhe pede!”

Porto, Novembro de 1885

E O tempo de escrita: a narração mais longa e pormenorizada do quotidiano reduz a distância.

“Ah, aí está talvez por que si (*non, écoutez, il est insupportable ce si!*) não me escreve (...) e, por isso não se lembra, nem lhe vem *the desire the longing* de escrever, de conversar com o coração, de *rêver par écrit*, de comunicar...”

Londres, 12 de Outubro de 1885 (23/77)

“Que sejam longas, e possam elas mostrar-me que não sou só eu a ter saudades nem a desejar que o Porto e Lisboa estivessem a uma distância – do tamanho do Mack (que era o nome do cão de Santo Ovídio).”

Lisboa, 21 de Janeiro de 1886 (62/125)

“E basta! – o papel arrefece as palavras, e há certas coisas que só devem ser “ditas” quase apenas só sentidas – sem intervenção do correio, e na divina *solitude à deux*.”

Lisboa, 3 de Novembro de 1885 (43/113)

V. Algumas Conclusões

A análise detalhada deste *corpus* permitir-nos-ia decerto tirar conclusões mais arrojadas e mais articuladas se pudéssemos conjugá-la com a análise da evolução, por exemplo das formas de tratamento ao longo destes seis meses de correspondência. Passa-se de uma forma “*Minha senhora*”, distante e formal (14 de Setembro de 1885) para “*Minha adorada Emília*”, carinhosa e indiciadora de uma proximidade ou, inversamente, de “*Senhor Queiroz*” (18 de Setembro de 1885) para “*Meu querido noivo*” (20 de Outubro de 1885), importando sublinhar que esta proximidade foi exclusivamente construída através das missivas.

Esta mesma análise seria válida para a s fórmulas finais de despedida, de fechamento que se tornam, com o decorrer do tempo, mais afectuosas, mais apaixonadas, servindo inclusivamente para reflexões teóricas regulares sobre a boa escolha ou pronta rejeição de entre as usualmente empregues.

A distância real (que se mede e traduz pela efectiva separação dos correspondentes) torna-se numa ausência tematizada pelos sujeitos.

Nesta perspectiva, percebemos que a comunicação epistolar exhibe a própria situação de enunciação, pressupondo intrinsecamente, uma distância, a escrita consiste na procura de uma presença ao nível da representação, conjugada com a ausência ao nível real.

Dáí a metáfora da presença.

No fundo, talvez porque a maior subtilidade da comunicação epistolar brote desta dialéctica proximidade/distância, presença/ausência, perenizada na máxima de Roland Barthes:

“Je n’ai rien à te dire sinon que ce rien, c’est à toi que je le dis”³²

VI. Bibliografia

Altman, Janet

1982 *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press

Amossy, Ruth

³² Roland Barthes, *Fragments d’un discours amoureux*, Paris, Seuil, 1977

- 1998, "La lettre d'amour du réel au fictionnel" in *La Lettre entre le réel et fiction*, Paris, Sedes.
- BENVENISTE, Émile
1976 *Problèmes de Linguistique Général I*, Paris, Gallimard.
- COSNIER, Jacques
1984 "La psychanalyse, le langage et la communication", in *Psychothérapies 4*.
- COULSON, S.
1995, *Analogic and metaphoric mapping in blended spaces*, Center of Research in Language Newsletter, 9 :1.
- DUCHÊNE, Roger
1973 "Commentaire historique. Lettre (sens épistolaire)" dans Robert Escarpit (ed.), *Dictionnaire international des termes littéraires*, Paris et la Haye, Mouton.
- FAUCONNIER, G.
1997, *Mappings in Thought and Language*. Cambridge, Cambridge University Press;
- FAUCONNIER & TURNER
1996, "Blendind as a central process of grammar". in A. Goldberg (ed.), *Conceptual Structure, Discourse and Language*, Stanford: Center of Study of Language and Information.
- HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève
1994 "Familiier comme une épître de Cicéron, familiarité dans la lettre au Fourmant du XVII siècle et XVIII siècle" in *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé.
- HURTUBISE, Roch
1994. "Lettres d'amour: un siècle de correspondances québécoises (1860-1988), Les vertus heuristiques de l'analyse des métaphores, in *La Lettre à la croisée de l'individuel et du social*, Paris, Éditions Kimé.
- JAUSS, H. R.
1978 *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine
1998 "L'interaction épistolaire", in *La Lettre entre réel et fiction*, Paris, Sedes
- LAKOFF, Georges
1997 "Les Universaux de la Pensée Métaphorique: variations dans l'expression linguistique", *Diversité des Langues et Représentations Cognitives*, Catherine Fuchs e Stéphane Robert (ed.), Paris, Ophirs.
- LANDY-HOUILLO, I.
1998 "Le féminin vu par les hommes. L'exemple des Treize Lettres amoureuses de Boursault", in Planté, C. (ed.), *L'Épistolaire, un genre féminin?*, Paris, Champion.
- MELANÇON, Benoît
1996 *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIII siècle*, Québec, Fides.
- ROCHA, André
1985 *A Epistolografia em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda (2ª edição)
- ROHRER, Tim
1997 *Annotated Bibliography of Metaphor and Cognitive Science*.
<http://metaphor.uocerogon.edu/annbib.html>

SIESS, Jürgen

1998 "L'interaction dans la lettre d'amour" in *La Lettre entre le réel et fiction*, Paris, Sedes.

SIMÕES, Maria João Albuquerque Figueiredo

1987 *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de Estratégias Epistolográficas*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

VIOLI, Patrizia

1988 "Présence et absence: stratégies d'énonciation dans la lettre", in *La Lettre, Approches Sémiotiques, Actes du VI Colloque*

Interdisciplinaire de Fribourg, Suisse, Éditions Universitaires Fribourg,